

6. OS SIGNIFICADOS DA SUSTENTABILIDADE PARA AS MULHERES

Apesar das diferentes trajetórias dessas mulheres, é possível identificar elementos comuns nas histórias, que refletem a visão que elas têm da sustentabilidade na agricultura e do papel da agroecologia na sua construção. Esses elementos seriam, entre outros:

- a reafirmação do modo de vida baseado em formas de organização familiares de produção – chamado por alguns setores de “modelo camponês” – como condição de um futuro sustentável no meio rural, desde que se contemple outra relação entre as pessoas e a natureza, sendo o enfrentamento político ao modelo hegemônico do agronegócio uma das condições para a implementação dessas propostas alternativas;
- a necessidade do reconhecimento da contribuição dos diversos sujeitos na construção desse novo modelo, e, em particular, das mulheres, respeitando seus anseios e necessidades; sendo dado como pressuposto que a agroecologia é a alternativa tecnológica mais adequada à consecução desses objetivos e a que mais favorece a participação de todos;
- a necessidade de uma mudança de atitude com relação às questões que envolvem os temas da alimentação e da saúde, importantes componentes do modelo em exame, vistos pela ótica da interação das pessoas com o meio ambiente; reconhecendo-se os saberes e as experiências das mulheres nesses campos, porém questionando a manutenção das tarefas dos cuidados (domésticas e de atenção às demais pessoas) como suas atribuições exclusivas.

Ao analisar essas histórias de vida, é possível verificar a forma como os temas da agroecologia foram sendo incorporados na militância feminina. Em muitos casos, a condição de esposas e mães marcará profundamente as preocupações das agricultoras e assessoras não só com relação à própria família, mas também com relação à comunidade e ao território onde vivem e atuam. É quando se expressa mais fortemente a “ética do cuidado” com relação aos demais, a preocupação com a vida das pessoas em lugar dos “objetivos frios” geralmente associados ao conceito de desenvolvimento (crescimento econômico, geração de emprego e renda, distribuição dos benefícios). Elas querem fundamentalmente mudar as relações entre as pessoas. Em outros casos, como foi comentado, será uma determinada visão da luta política o que as mobilizará: a necessidade de mudar o modelo em sua totalidade, construir um futuro diferente, em que as conquistas não sejam pontuais ou localizadas, mas valham para o conjunto da sociedade.

A condição de serem lideranças femininas, em um meio tradicionalmente masculino, leva-as com frequência a colocar a questão da visibilidade das suas propostas, e, com isso, da sua própria participação, em primeiro lugar. Elas têm consciência, por sua história nos movimentos sociais, que os pontos de vista das mulheres não são automaticamente considerados, e lutam por esse reconhecimento. Em alguns momentos, enfatizam as questões específicas das mulheres (garantias do exercício dos direitos, acesso a recursos), que querem ver incorporadas nas lutas mais gerais; em outros, expressam opiniões e propostas para o conjunto de temas que afeta a agroecologia. Dessa forma, constroem-se enquanto lideranças ao mesmo tempo que ajudam a dar visibilidade à existência de um ponto de vista das mulheres dentro desses movimentos. Posicionam-se enquanto militantes das causas da ecologia e do feminismo.

O papel da agroecologia em um modelo de desenvolvimento rural baseado na produção familiar

As lutas de resistência em que essas mulheres estão envolvidas – por acesso à terra, ao crédito, à água, à assistência técnica, por mudanças tecnológicas e de infraestruturas no campo que ajudem

a melhorar as condições de sobrevivência dos agricultores, enfim – apontam para um objetivo comum: a construção de um modelo de desenvolvimento que, no meio rural, iria se apoiar em outras relações de produção e de apropriação da natureza.

Parte-se da avaliação de que o desenvolvimento do capitalismo no campo, baseado na concentração da propriedade e da renda, tem sido socialmente excludente, destruidor do meio ambiente e gerador de dependência econômica perante grandes capitais transnacionais. Em contraposição, propõe-se um desenvolvimento baseado em pequenas propriedades organizadas em regime familiar, que produziriam alimentos e outros produtos por meio de tecnologias ambientalmente sustentáveis, o que permitiria a todas as pessoas que trabalham na agricultura viverem com dignidade e realizarem-se pessoalmente.

Alguns movimentos sociais, como aqueles participantes da Via Campesina, têm definido esse padrão como “modelo camponês” – em contraposição a outros movimentos rurais como o sindical, por exemplo, que defendeu, durante muito tempo, a “inserção competitiva da agricultura familiar no mercado” (Carvalho, 2005, p. 21). Ambos os movimentos, no entanto, contrapondo-se à noção de agronegócio: grandes propriedades, grandes capitais privados, homogeneização da produção, exploração da mão de obra mediante relações de assalariamento e/ou outras formas de submissão e expropriação dos camponeses e pequenos agricultores.

Na definição de um modelo familiar, são incluídas todas as unidades de produção autônomas existentes, sejam elas produtoras agrícolas ou extrativistas, reconhecidas genericamente como “camponesas” (no caso da Via Campesina) ou da “agricultura familiar” (no caso dos demais movimentos): posseiros, parceiros, meeiros, pequenos proprietários, pescadores artesanais, seringueiros, quilombolas e tantos outros. Para os setores organizados na Via Campesina, as expressões “agricultura familiar”, “pequeno produtor rural” e “pequenos agricultores” teriam adquirido, particularmente no decorrer da década de 1990, uma conotação ideológica, porque foram disseminadas no interior de um discurso teórico e político (corroborado por setores de esquerda) que afirmava a diferenciação e o fim inevi-

tável do campesinato – que se cindiria em dois, parte integrando-se às empresas capitalistas e outra se proletarizando. Revitalizar o termo “agricultura camponesa” significaria, então:

Resgatar e afirmar a perspectiva teórica da reprodução social do campesinato na sociedade capitalista a partir das teses da centralidade da reprodução da família camponesa e da sua especificidade no contexto da formação econômica e social capitalista. (Carvalho, 2005, p. 23)

Um dos princípios desse modelo seria o resgate dos valores que os camponeses construíram ao longo da sua história, tendo como centro a solidariedade e a igualdade entre si. Seguindo esse raciocínio, o resgate seria também uma resistência contra a diluição da história de luta dos camponeses, que passaram a ser considerados sujeitos conformados com a sua diferenciação, como se estivessem diante de uma fatalidade. Na apresentação de uma coletânea de textos que reflete essa discussão feita no interior dos movimentos que fazem parte da Via Campesina no Brasil, organizada por Horácio Martins de Carvalho, o modelo “camponês” é apresentado da seguinte forma:

Um dos eixos fundamentais para o desenvolvimento do campesinato é o respeito à diversidade e à biodiversidade que inclui todos os bens da natureza, os ecossistemas, as culturas dos povos, enfim, todas as formas de vida vegetal, animal, as relações humanas e econômicas, os hábitos e as culturas, sendo ela nossa própria forma de vida como campesinato. Estas especificidades estão presentes em nossa forma de ser e de viver e, por isso, as defendemos, respeitamos e protegemos, para garantir que no futuro haja vida. Quanto ao uso da terra, entendemos que ela é um bem da natureza e deve servir em benefício de toda a humanidade. Democratizar sua posse e seu uso é indispensável para garantir a vida e a reprodução humana por meio da produção de alimentos e da criação de animais, por todos aqueles que nela queiram trabalhar e produzir. (Carvalho, 2005, p. 7)

Como foi abordado anteriormente, o campesinato – entendido de forma ampla como formas familiares de produção agrícola e extrativista, incluindo as agriculturas indígenas – é visto como um setor fundamental na construção e na reprodução da agroecologia. Em primeiro lugar, por sua capacidade de coevoluir respeitando os processos ecológicos e, portanto, por ser o segmento mais adequado para avaliar e implantar tecnologicamente essas propostas; em segundo, porque, em princípio, os processos de desenvolvimento teriam que ser construídos “de baixo para cima”, com a participação dos principais afetados, numa lógica de democracia direta que reivindica para esses atores sociais o papel de protagonistas da construção das propostas; e, ainda, pelo reconhecimento da necessidade de promover o empoderamento desses grupos, como uma espécie de pagamento de uma dívida social, por terem sido marginalizados econômica, social, política e culturalmente ao longo da história da humanidade.

Esse debate tem sido feito também entre as entidades que participam do movimento agroecológico no Brasil. Entre as que fazem parte da ANA, por exemplo, desde seu primeiro encontro, houve a definição sobre a centralidade do papel dessas formas familiares de produção, como parte ativa da agroecologia – ainda que sem entrar em detalhamentos sobre o caráter “camponês” ou não dessas formações sociais. Na verdade, diferentes visões sobre a questão convivem dentro da Articulação.

O desenvolvimento local sustentável, como estratégia de implementação de um projeto global transformador, reforça a ideia da adaptação ao meio, contrapondo-se às soluções universalistas e pondo em destaque a autoconfiança das populações locais e sua diversidade cultural. É a partir do resgate da cultura, dos valores, do modo de vida próprio de cada povo que se constroem esses processos de desenvolvimento local. O desenvolvimento local traz em si a necessidade de se pensar e agir coletivamente em escalas crescentes, do comunitário para o municipal e o regional, sendo as experiências concretas dos produtores e das produtoras familiares no campo da agroecologia a demonstração prática do que e como mudar. [...]

A agroecologia não funciona por receitas e pacotes aplicáveis indiscriminadamente. Cada unidade produtiva representa um agroecossistema diferenciado que cobra a formulação de propostas específicas. Esse princípio exige que os produtores e produtoras familiares sejam integrados ao processo de construção do agroecossistema. Isso não se pode realizar de forma individual e isolada, mas sim por processos de trocas de conhecimentos.¹

Entre as lideranças femininas entrevistadas nesta pesquisa, aquelas que participam de coordenações de movimentos mais amplos, extrapolando os de sua comunidade, fazem uma vinculação mais explícita entre a proposição de alternativas de resistência desde a base e a necessidade de se questionar o modelo em seu conjunto. Embora tratem dos temas da ecologia em geral, quando se debate a questão do desenvolvimento rural, duas questões se destacam no seu discurso: 1) a defesa da soberania alimentar como princípio orientador de todas as políticas, que se traduz no direito dos agricultores e das agricultoras de definir o que plantar e como, e, especialmente, de utilizar as próprias sementes (o que inclui a luta contra os transgênicos); e 2) a defesa da biodiversidade, como garantia de uma agricultura duradoura no tempo e que seja capaz de restaurar as condições de fertilidade em áreas que hoje se encontram degradadas. Muitas delas estiveram à frente de ações públicas contra grandes empresas, contra os transgênicos e em defesa da biodiversidade, como foi comentado em capítulos anteriores.

Os principais problemas hoje, do ponto de vista da ecologia, são: a monocultura, as queimadas, o desmatamento, a destruição. Onde tem agronegócio, você vê muita terra sem nada, o chão queimado, tudo destruído. Destrói a diversidade, o ambiente, a água, a alimentação. As mulheres também estão discutindo isso: o aquecimento global, por exemplo. Às vezes o povo vê na televisão e acha que isso não tem nada que ver com a gente. Eu digo que tem: um

1 *Carta política do I ENA*, 2002. Disponível em: <<http://www.alainet.org/es/node/106295>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

pé de pau que você queima, uma coisa que você destrói, tudo tem a ver. Um veneno que você bota no seu pé de planta pode ir para um rio, para um riacho; são coisas que a gente percebe que existem, que as pessoas fazem. (Neneide)

Hoje o mais importante é a questão ambiental, que atinge todo mundo, o planeta inteiro, a vida, pois a gente pode resolver algumas questões camponesas – a terra, por exemplo –, mas se o meio ambiente estiver todo poluído, contaminado, nós vamos morrer igual. Então a luta é bem maior. Claro que queremos barrar, sim, essa gente que destrói tudo; mas não só barrar. É preciso que a sociedade tenha consciência de por que isso está acontecendo. [...] A gente não pode ficar só na crítica, a gente tem que ter uma alternativa. Por isso, a campanha de alimentos saudáveis. Se a gente não fizer diferente na prática, não vamos ter como cobrar. (Izanete)

O que levou à organização do Movimento dos Pequenos Agricultores [MPA] foi a questão da sobrevivência dos agricultores. Mas a prática dos agricultores era convencional. Politicamente, havia um componente de mudar a forma como a agricultura familiar era tratada; mas não estava muito clara a questão tecnológica. De uns cinco anos para cá, começamos a fazer essa discussão. Isso foi a partir da entrada de companheiros de outras regiões, do Norte, do Nordeste, que tinham outras práticas mais próximas da natureza, menos influenciadas pela Revolução Verde. E também da visualização da falência clara desse modelo que estava levando os agricultores à ruína. Você podia ter crédito, seguro, comercialização, tudo isso – todas as políticas voltadas para esse público, mesmo que fossem boas, mas o modelo em que se adotavam essas políticas não ia levar o campesinato a lugar nenhum. Pelo contrário. Nós passamos a discutir e considerar a reversão desse modelo, que era um modelo falido. Desde 1993 a Via Campesina está discutindo que a luta tem que ser por soberania alimentar, em contraposição ao discurso da FAO.² (Maria)

2 A FAO, como instituição, tem tido um discurso contraditório com relação às políticas de segurança alimentar; em alguns momentos, apoiando



O agronegócio cresce a cada dia, mas ele mais desemprega do que emprega. Na verdade, o que é o agronegócio: são várias máquinas substituindo a mão de obra. Isso só contribui para o desemprego; produz mais lixo, polui mais, desmata e traz a insegurança alimentar. Mas eles ocupam a mídia para mostrar uma coisa que, por trás, é pura podridão. [...] Eu tive oportunidade de participar de encontros, de cursos que contribuíram para que eu hoje acredite em uma agricultura diferente, pelas experiências que eu conheci; tanto as boas como as ruins. (Zinalva)

No MST, o debate sobre o significado da Revolução Verde é bem claro, mas a gente tem que discutir também qual é o nosso projeto de agricultura. A gente está fazendo isso junto com a Via Campesina. Estamos fazendo esforços de estudar isso e também de ir construindo na prática, para mostrar que é possível fazer diferente, apesar das dificuldades. Aí é que entra a agroecologia. Porque ela é uma forma de a gente, concretamente, nos assentamentos, se contrapor ao agronegócio, contra a monocultura, por exemplo. A gente está fazendo muito esse debate no setor de produção do movimento. Como é que isso se concretiza? Valorizando o mercado local, as feiras de reforma agrária, a produção diversificada, não usar agrotóxicos, enfim, muitas questões. (Lourdes)

Como definições pessoais, elas assumem a agroecologia como um componente importante da sua luta que é ao mesmo tempo contra um modelo e pela construção, desde agora, de alternativas concretas – ainda que haja diferenças entre a forma como os diversos movimentos entendem a agroecologia.

Hoje eu considero a agroecologia assim: é um movimento que traz muito essa transformação da nossa realidade, da nossa vida, porque

incondicionalmente a Revolução Verde e, em outros, criticando aspectos dessas políticas que estariam fazendo recrudescer os problemas de fome no mundo, e não o contrário. As mesmas contradições existem nos discursos com relação aos transgênicos.

a gente é agricultora, é outra relação com a terra. A gente aprendeu como a natureza é importante, como você pode estar utilizando ela sem fazer mal a ela. A agroecologia vem exatamente para isso, para mostrar que você pode tirar as coisas, dependendo do local que em você está, pode utilizar aquele local sem queimar, sem prejudicar, e ir reutilizando. Você pode pegar uma folha que cai e fazer uma cobertura morta noutra canto, e sempre estar devolvendo isso para o ambiente, para o solo. Isso foi mudando a nossa vida, porque você vai aprendendo outras práticas, que não é só tirar o fruto, não é só queimar, plantar, e tirar, tirar, tirar até acabar. Você começa a ver aquela terra como uma vida, você começa a estar cuidando dali. Não é só querer que sempre ela lhe dê, mas que você também dê a ela. [...] Por outro lado, com a economia solidária, você vai vendo que não é só o lucro que é importante, que a gente pode produzir e também comercializar de outra forma. (Neneide)

A nossa definição pela agroecologia também veio a se acirrar com a ofensiva que o agronegócio vem fazendo nos últimos cinco anos, para cima do campesinato, dos territórios. Isso nos colocou numa encruzilhada de organização e do próprio setor. Além de fazermos uma reversão a esse modelo, nós precisaríamos também, como pessoas, para sobreviver, mudar o que estava aí. (Maria)

A questão da agroecologia veio somar com as lutas e indagações que os movimentos ambientalistas na Amazônia defendiam para poder se contrapor às políticas do governo, que são de devastação, dos grandes projetos. A gente já tinha uma aliança com os povos da floresta; a agroecologia veio somar, embora a gente tenha também muitas divergências. Muitos movimentos não têm o olhar da agroecologia como nós temos. Nós, as quebradeiras, os seringueiros, as mulheres da floresta, os movimentos indígenas, a gente se identifica mais entre nós, porque a gente tem uma outra história. Os movimentos sindicais, por exemplo: nós concordamos com eles na questão da economia, de que precisa haver políticas de renda para os agricultores. Mas nós vamos além, a gente tem que ver os impactos das políticas no ambiente. Nós, mulheres, sabemos que

há projetos com os quais não dá para conviver, mesmo que tragam dinheiro para o agricultor. Se for destruir a mata, a gente não concorda. A gente questiona isso. O nosso conceito de agroecologia é diferente. (Zulmira)

A gente luta contra um sistema. A agroecologia é uma luta contra o sistema capitalista, que só vê o lucro, não está nem aí para a vida, se a gente vai morrer ou vai viver. “O problema é seu. Eu só quero ter o lucro.” Enquanto nós trabalhamos de outra forma, criamos outros laços, voltados para a vida. Nós somos lutadores pela vida. E eu estou falando desde um micro-organismo até os seres humanos, e o ecossistema como um todo. (Zinalva)

Essa luta contra as empresas de celulose é simbólica: tem as empresas de celulose, mas existem tantas outras. Tantos outros meios de poluição, que estão acontecendo hoje. É um alerta. A Aracruz é só uma delas, mas que abrange um campo muito grande, e principalmente abrange o nosso campo, que é a agricultura. E recebem os benefícios do governo, financiamento; aquilo que é para a agricultura, elas se apropriam. E, além disso, destroem tudo, contaminam e se adonam das terras do Brasil, que seriam terras para fazer a reforma agrária; a água, todos os rios que já estão secando, córregos. O meio ambiente não é mais o mesmo. E nós queremos o ambiente inteiro, e não meio! E vamos fazer qualquer coisa para que isso pare. Isso é uma definição nossa [do MMC] de futuro; não vamos parar aqui, de jeito nenhum. A gente tem que questionar os dois lados, o governo e as empresas, e bater. Porque se não bater agora, nós morremos de vez. (Izanete)

Se, na visão delas, a construção de um modelo econômico, social e político baseado em formas familiares de produção exige, estrategicamente, o enfrentamento com as políticas públicas e com as grandes empresas, também são necessárias ações no nível micro. Os enfrentamentos serão de outra ordem: voltados aos próprios companheiros, para transformar desde agora o “modelo camponês” que vem sendo discutido. Uma das questões levantadas, já comentada no capítulo anterior, diz respeito às atribuições de gênero, materia-

lizadas na divisão sexual do trabalho e, particularmente, na execução dos trabalhos domésticos e no cuidado com os filhos. A divisão sexual do trabalho no “modelo camponês” terá que ser modificada, na visão delas, para que o trabalho invisível feito pelas mulheres seja valorizado e mais bem dividido.

Uma segunda questão, muito cara a essas lideranças, é a forma de reprodução econômica das unidades de produção, simbolizada pelo debate entre as alternativas mais rentáveis no curto prazo, porém mais exigentes em termos de recursos naturais e uma perspectiva de ganhos mais duradouros no tempo, ainda que signifique sacrifícios no presente. Essa discussão aparece muitas vezes como um dilema entre investir na produção para o autoconsumo ou produzir para vender. É percebida por elas como uma diferença de pontos de vista de gênero: as mulheres seriam mais “conservacionistas” e os homens, mais preocupados com o lucro.

Muitas avaliam que essas questões estão vinculadas a um modelo de masculinidade e feminilidade construído socialmente: os homens, marcados por sua situação de provedores econômicos, seriam mais pressionados a obter rendas que lhes proporcionassem reconhecimento social imediato; as mulheres, dirigidas para o bem-estar da família, seriam mais propensas a viver com menos recursos desde que a sobrevivência familiar estivesse assegurada ao longo do tempo. Outras trazem à tona argumentos ligados a uma essência feminina/masculina como origem dos desacordos, apelando-se para a aceitação de uma complementaridade não hierárquica (“homens e mulheres são intrinsecamente diferentes, mas têm que ter o mesmo poder de decisão”) como solução dos impasses surgidos.

Os homens estão mais preocupados com o dinheiro, com o lucro. As coisas que dão mais trabalho, que é um processo mais lento, os homens não têm tanta paciência de esperar. As mulheres valorizam muito ter comida em casa, e não só ter renda bruta, dinheiro vivo na mão. (Efigênia)

Não que as mulheres não queiram nada material. A gente quer aquilo que dá o sustento para todos, é isso que a gente defende. Por que a gente quer a campanha de produção de alimentos? Por-

que significa vida saudável, porque significa vida para todos, não só para as pessoas, mas para a natureza também. Já na mentalidade masculina, ainda vem primeiro o lucro. Eles até pensam em fazer ecológico, mas só se der mais dinheiro. A gente vê isso bem claro aqui na região. [...] No fundo, a mentalidade deles é só vender e ganhar mais. O resto não importa. (Izanete)

As mulheres também pensam em ter algo de lucro, é real. Agora, não é só isso. O diferencial é que a gente não precisa só de dinheiro. A gente precisa de outras coisas. A gente precisa ser valorizada. Se fosse só pelo dinheiro, a gente não ia estar pensando em ter uma comida diferente, livre de agrotóxico. Por acaso comida com veneno não dá dinheiro também? Claro que dá. Mas a gente quer pensar em outra qualidade de vida, não pensar só no lucro. Principalmente nós agricultoras: a gente quer ter alimento, poder produzir, ter diversidade na nossa alimentação, mas em outra realidade de vida. Não é chegar lá é ter dinheiro para comprar o que quiser. A gente quer ter domínio do que se quer, de quem você é, do que você vai fazer da vida. Eu acho que as mulheres pensam diferente dos homens, nisso. (Neneide)

Ainda como parte do questionamento ao “modelo camponês” – que elas defendem, fique bem claro – é visível no seu discurso a preocupação com a transformação do ideal de família hoje existente, em direção a uma proposta mais democrática, que respeite todos os sujeitos, especialmente os filhos e as filhas adolescentes, em seus desejos e necessidades. Elas valorizam a agroecologia também por criar condições para algumas mudanças nesse sentido, a partir do reconhecimento da colaboração de todos para o empreendimento familiar.

A seguir, serão aprofundados alguns aspectos desses discursos, tomando como exemplos dois temas concretos: a visão que expressam sobre as questões da alimentação e da saúde, em sua relação com a agroecologia, e o seu entendimento sobre as relações existentes entre as lutas ecológicas e o feminismo.



A alimentação saudável

Como todos os camponeses, essas agricultoras sentem um enorme orgulho em poder oferecer uma mesa farta e com alimentos de qualidade para a sua família, assim como para a comunidade (por meio das feiras e mercados locais), a partir do trabalho que é realizado na propriedade. Não é apenas pelo motivo óbvio de terem vencido o fantasma da fome e da desnutrição. No processo de transição para a agroecologia, passaram a valorizar outras questões, ligadas, por exemplo, à variedade dos alimentos consumidos. A preservação da biodiversidade – um princípio ligado à sustentabilidade ambiental que orienta as decisões produtivas na agroecologia – vai ser retomada por elas também quanto aos produtos obtidos, na forma de uma alimentação rica em sabores, cheiros, texturas, história e cultura.

Antes de tudo, tem que haver diversidade na produção. A gente faz muito trabalho de enriquecimento da área, com espécies que podem ajudar. Isso garante a nossa diversidade de alimentação também. Tem mais alternativas de alimentação para nós e também para os animais silvestres, para os pássaros. Estamos falando de manter a vida, tanto dos micro-organismos como da vida humana. Se eu me preocupar só com nós [seres humanos], não vai funcionar. Essa diversidade de vegetais e de animais é que vai garantir a fertilidade do solo, e a nossa segurança alimentar também. (Zinalva)

A capacidade de produzirem os alimentos para o próprio consumo também se contrapõe à necessidade de compra da alimentação industrializada, que passa a ser considerada por elas como monótona, pobre, pouco saudável. As qualidades da alimentação proveniente da própria produção (fartura, alimentos limpos e naturais, pouco processados, sem resíduos químicos) serão argumentos para a defesa de um modelo ideal de desenvolvimento agrícola baseado no campesinato.

A agroecologia valoriza a produção da alimentação no nível doméstico, um tema extremamente caro às mulheres. Elas usarão esse argumento para evidenciar a própria contribuição na proprieda-

de e, particularmente, para se referir à sua contribuição para a renda familiar. Elas são as maiores defensoras da necessidade de computar tudo o que entra na composição dessa renda: não só quanto se ganha com a venda dos produtos e com as atividades realizadas pelos demais integrantes da família, mas, sobretudo, quanto “se deixa de gastar” por produzir as coisas dentro de casa. Historicamente essas atividades foram menosprezadas e, com isso, o trabalho feminino.

Ademais, com essa valorização, elas têm também a possibilidade de aprofundar o seu conhecimento sobre o assunto. Por isso elas passaram a reivindicar, junto às suas organizações, a realização de oficinas e capacitações sobre o preparo dos alimentos, nas quais se enfatizam, por exemplo, as possibilidades de aproveitamento máximo de cada produto, a necessidade de se descobrirem os seus diferentes usos e as suas propriedades nutricionais. Algumas agricultoras, como Zinalva e Del, afirmam que essas práticas são uma forma de pesquisar, de usar a criatividade. Zinalva usa a expressão “fazer das nossas experiências uma universidade na prática”, ressaltando a possibilidade de as pessoas serem verdadeiras produtoras do conhecimento, não meras repetidoras.

O reconhecimento do papel das mulheres como observadoras, investigadoras e criadoras de novos conhecimentos permitelhes construir uma visão não tradicional do seu papel como responsáveis pela alimentação da família. Em um nível ideal, como proposta, essa não será mais uma atividade rotineira, feita por obrigação, mas um campo de ação importante, que exige conhecimentos, capacidade e competência, e pelo qual elas serão as responsáveis. Na prática cotidiana, não é exatamente assim que funciona, e elas sabem disso.

Sua atuação como investigadoras se expressa também na valorização do cultivo de plantas e na criação de pequenos animais que haviam sido abandonados e que voltaram a ser produzidos em suas regiões de origem. Normalmente esse trabalho de “resgate de produtos” (em particular, de sementes) é realizado pelas mulheres. É um trabalho de enriquecimento ambiental que vem sendo reconhecido – ainda que lentamente – por instituições de pesquisa e assistência técnica. Elas se animam quando começam a aparecer resultados

positivos e investem na multiplicação de frutas, verduras, raízes e tubérculos em seus quintais. A troca de material genético (sementes, mudas), de receitas e as indicações de uso e formas de preparo são extremamente valorizadas por elas nos encontros, cursos e feiras de troca de que participam.

Izanete, integrante do Movimento de Mulheres Camponezas, acredita – da mesma forma que Lourdes – que, em certa medida, o que permitiu que as mulheres mantivessem mais fortemente uma perspectiva de preservação ambiental (em relação aos homens) foi o seu afastamento das atividades voltadas para o lucro. É o que explicaria o fato de elas terem sempre se preocupado com a conservação e o resgate de sementes de alimentos, por exemplo. Ela agrega a esse argumento (de forma semelhante a outras entrevistadas) a tese da existência de uma ligação mais forte das mulheres com a terra por sua capacidade de serem mães, por também darem vida aos demais, bem na lógica de certas correntes ecofeministas.

As mulheres foram mais marcadas por essa coisa da proteção da vida. Isso é cultural [no sentido de que é uma construção social], mas a gente tem isso dentro da gente. Pela ligação que a gente tem com a terra, por essa comparação que a gente consegue fazer, de que assim como a terra dá a vida para as plantas, dá a água, da gente nasce uma criança, que também é vida. Então sempre teve essa ligação. Historicamente as mulheres sempre protegeram a terra, as sementes. Hoje, se a gente for olhar, quem mais guardou as sementes, quem preservou, foram as mulheres. Aqui na região, não tenho dúvida. E não é só na região. [...] Mesmo onde se passou para as sementes híbridas, as mulheres continuaram guardando e plantando num cantinho uma semente de milho de pipoca, uma moranga, essas coisas para comer. Sempre teve isso. Nós conseguimos resgatar muita coisa, só com as mulheres. Na nossa região temos uma companheira que tem mais de cinquenta tipos de sementes crioulas, entre hortaliças, grãos. Ela planta e colhe todo ano e guarda. [...] Entre os homens, isso também acontece, mas é muito menos. Só depois que nós [MMC] começamos a fazer a campanha das sementes é que muitos deles entenderam a importância disso. (Izanete)

Em todas as propriedades visitadas na pesquisa, houve um momento em que as agricultoras fizeram uma apresentação *in loco* da área cultivada por elas: os quintais, as roças, as áreas que são utilizados pelos animais, a mata, os cursos de água. Nessas visitas, elas relatavam como era a propriedade antes da transição e as modificações que foram promovidas. Elas chamavam a atenção para o número de espécies que eram cultivadas: diziam os seus nomes, quais os seus usos, condições de plantio, exigências em termos de solo, umidade, etc. Quando eram mudas ou sementes trazidas de outros locais, elas se lembravam de onde as tinham trazido, como as tinham adquirido, quem as tinha presenteado. Mostravam ainda outras plantas e animais presentes na área – não apenas os que eram aproveitados para alimentação – e explicavam qual o significado da sua presença ali, quais as vantagens ou problemas que isso poderia acarretar e como era feito o seu controle no caso de serem espécies indesejáveis. Explicitavam também os sistemas de integração com outras atividades: criação de animais, pesca, extrativismo, assim como a utilização dos resíduos na forma de insumos para outras produções.

Ao mostrar a área em conjunto, elas se declaravam orgulhosas da riqueza ambiental que esse sistema preservava, da qualidade do solo que tinham conseguido recuperar e da possibilidade de esse sistema resistir no tempo, contrapondo-o sistematicamente à monocultura, vista como o símbolo de uma visão imediatista, equivocada e irracional de uso dos recursos naturais. Esses elementos todos se completam no seu discurso: a biodiversidade desses sistemas, a sustentabilidade ambiental e, sobretudo, a alimentação farta e variada que se pode obter.

Certas propostas de alimentação alternativa esbarram, no entanto, como foi comentado por Izanete e por Efigênia, na carga de trabalho excessiva das mulheres na agricultura familiar. Como diz Izanete, esse é “o nó que precisa ser desatado”: a discussão de uma nova divisão de tarefas entre homens e mulheres. Embora cite experiências em que essas discussões já estejam ocorrendo, os resultados apontados por elas são bastante pontuais – alguma “ajuda” do marido nas atividades domésticas, a aceitação da realização de certas tarefas pelos filhos homens, como é o caso da lavagem das próprias

roupas. Mas nada ainda que se aproxime de uma divisão igualitária de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres no que se refere aos trabalhos domésticos, e muito menos com relação à alimentação. Fazer a comida dentro de casa é uma tarefa das mulheres; se elas não estão, será realizada pelas filhas maiores, ou por outras mulheres (irmãs, cunhadas, sogras, mães). Só em casos excepcionais (doenças, filhos pequenos) os homens a realizam.

Neneide vê ainda mais além essa questão: para ela, o que está em jogo na desvalorização do trabalho doméstico é o fato de ser realizado pelas mulheres. As atividades do cuidado, não remuneradas, estão ligadas a uma hierarquia de gênero, e por isso os homens se recusam a fazê-las. No máximo, aceitam ter que pagar por elas. Lourdes afirma: “O trabalho doméstico é uma doação das mulheres para a sociedade. Só que não é reconhecido como tal; é como se fosse uma escravidão”.

Os homens foram acostumados que tudo é comprar. Eles dizem: “Eu trabalho só para comprar”. O trabalho do cuidado, que é de graça, eles só fazem usufruir, não dão satisfação nenhuma, não se envolvem. E tem também a questão do poder, o dinheiro traz isso. Como a gente [as mulheres] fica responsável por essa coisa do cuidado, a gente quer lutar justamente para essas coisas aparecerem, como um trabalho. Hoje não aparece, é invisível, não vale nada. (Neneide)

No caso particular do MST, a opção tem sido buscar garantir a infraestrutura física nos assentamentos para a socialização de algumas tarefas, por meio de creches, refeitórios e lavanderias coletivas. Mas são propostas incipientes, que não estão generalizadas em todos os assentamentos.

Tem que ter a estrutura física; depois o trabalho de conscientização é muito mais fácil. E nós acreditamos que as mulheres vão poder participar muito mais ativamente tanto da vida política quanto da vida produtiva, para não ficarem nesse trabalho não remunerado que acaba sendo uma extensão da casa delas. Por exemplo, elas vão

para a horta, cuidam do artesanato, da produção de coco, mas continuam fazendo de tudo dentro de casa. (Lourdes)

Outra questão que permanece em aberto é a valorização da produção para o autoconsumo na pauta dos movimentos agroecológicos. Embora esse tema faça parte do ideário da agroecologia, foi somente com a insistência dos movimentos de mulheres que passou a alcançar o status de questão política.

Às vezes, quando a gente fala de segurança alimentar as pessoas entendem que é produzir apenas para o meu consumo, mas é também para o comércio. Agora, eu tenho obrigação, como agroecologista, de oferecer para o mercado o mesmo que eu produzo para a minha família. Eu estou produzindo para seres humanos também. Por exemplo, tem gente que, quando faz para a sua família, faz com cuidado, mas, quando é para o mercado, faz de qualquer jeito, porque não é ele que vai comer. Isso não é ser solidário. Ser solidário não é eu dar dinheiro para você. Mas eu dar para você a mesma qualidade do que eu faço para mim. (Zinalva)

Nesses discursos, estão presentes também dilemas historicamente enfrentados pelos movimentos feministas: o limiar estreito entre o que reivindicam as mulheres como próprio das suas atribuições de gênero e as transformações esperadas em relação a essas atribuições, no sentido de serem assumidas pelo conjunto da sociedade. Nem sempre reivindicar o reconhecimento da experiência das mulheres ou da carga de trabalho que elas assumem nas tarefas de alimentação (e de saúde, como veremos a seguir) ajuda a romper com as expectativas sociais de que esses temas continuem sendo assumidos por elas como parte das suas obrigações para com os demais. Do ponto de vista das agricultoras e assessoras, é fundamental que se consiga romper as barreiras e que essas questões se transformem em temas importantes para homens e mulheres.

Eu fiquei muito espantada, no II ENA, quando um homem veio apresentar uma experiência sobre alimentação. Normalmente são

as mulheres. Eles tinham uma experiência com a merenda escolar, com batata-doce e outros produtos. E isso é muito diferente. Porque não se pode trabalhar a agroecologia separadamente. Agroecologia é conjunto, é a vida, são todas essas relações. Eu não posso pensar só na minha comunidade, eu tenho que pensar nas comunidades ao meu redor. Isso que eu achei muito legal no trabalho dele: ele não está preocupado só com a família dele. Eu comparo com o público que está lá fora, lá tem filho meu, tem filho seu, tem filho de todo mundo. São as crianças de todos. A preocupação dele é estar levando a alimentação para aquelas crianças, mas com qualidade. Eu achei isso um avanço, um homem estar preocupado com isso. (Zinalva)

Elas vêm trabalhando essas questões de duas formas: 1) valorizando as suas experiências concretas, nas casas, nas comunidades, fortalecendo-se como sujeitos dessas experiências; e 2) propondo a valorização da alimentação saudável como parte de uma discussão mais geral sobre o sistema agroalimentar, na ótica da soberania alimentar, sugerindo em espaços mistos as formas de enfrentar esse modelo. Não é uma discussão isolada, na qual as mulheres permanecem em um gueto, discutindo “coisas de mulher”. Elas se investem na condição de defensoras de um modelo produtivo centrado na produção de alimentos, em função de que essas sempre foram tarefas suas na divisão do trabalho. Mas avançam, como já vimos, para o questionamento sobre as multinacionais da alimentação, posicionando-se quanto aos problemas gerados pela monopolização das sementes, o uso da terra para outros produtos que não os alimentos, os agrotóxicos, a alimentação industrializada, entre outros temas de abrangência mais geral.

Lourdes comenta que essa tem sido, por exemplo, a estratégia das mulheres da Via Campesina para aproximar as organizações de base das lutas mais gerais. De acordo com o seu entendimento, o envolvimento das mulheres com as questões dos cuidados com os demais e com o ambiente é um envolvimento afetivo, pois essas questões fazem parte da construção da subjetividade das mulheres. Isso, de certa forma, contribui para que elas se sintam compromete-

tidas politicamente com as questões da alimentação, quando isso se faz necessário.

O tema das sementes, por exemplo, está muito ligado com a alimentação da família, porque concretiza, mobiliza, a pessoa entende que tem a ver com a vida dela. Se a gente fala em transgênico, soberania alimentar, o pessoal não sabe o que é. Mas se você diz que foi aprovada uma lei que vai proibir o camponês de usar a sua semente, todo mundo se assusta. E as mulheres são as primeiras a se interessar. Mesmo a questão de não usar veneno: se a gente falar que o que nós estamos comendo está acabando com a nossa saúde, mais doenças estão aparecendo, o povo entende. Se você diz: se você plantar organicamente você está protegendo a sua família, isso diferencia, concretiza, a pessoa entende. Esses temas tocam no coração das mulheres, e elas se mobilizam. (Lourdes)

A saúde das pessoas e do ambiente

A ligação que as mulheres fazem entre agroecologia e os temas da saúde passa por três questões principais: pelos vínculos entre a alimentação adequada e a proteção da saúde das pessoas; pela revitalização do uso de plantas medicinais e de outras práticas de medicina natural, que tradicionalmente eram realizadas pelas mulheres e foram desprezadas com a crescente “medicalização” da saúde; e, finalmente, pelo combate ao uso dos agrotóxicos, em conjunto com outras medidas de saneamento ambiental, em ações que extrapolam a preocupação com a saúde humana e abrangem o meio natural onde as pessoas vivem e trabalham.

Como já comentado, toda a discussão sobre a alimentação saudável feita por essas mulheres tem um forte componente relacionado com a saúde. Desde a questão mais básica, que é não passar fome e não ficar desnutrido, até outros aspectos relacionados com a sanidade dos produtos – estarem livres de resíduos de agrotóxicos, de aditivos, corantes e conservantes; serem frescos, puros, pouco processados. Comer bem e com qualidade é um pressuposto para se ter disposição, vontade de trabalhar, assim como alegria de viver. E se essa é uma conquista que resulta diretamente do seu trabalho, é motivo de orgulho maior ainda.

Zinalva, Del e Neneide, por exemplo, quando falam das relações entre seus filhos e a terra, referem-se a essa experiência vital:

Eles comem o dia todo, têm muita energia, mas continuam esbeltos. Não ficam doentes. Eles foram criados com esses alimentos. Eles nem ligam para os alimentos industrializados, porque não têm costume. Eles comem é muita fruta. Eles não param de comer, mas é tudo natural. (Zinalva)

Meus filhos comem de tudo aqui, à vontade, e nunca mais ninguém precisou ir ao médico lá em casa. (Del)

Nós também queremos ter o prazer de comer um mamãozinho de manhã, uma banana amassada com mel, tudo vindo da nossa produção, do nosso quintal. Não são só as pessoas de classe média que podem passar bem. As crianças sentem isso. (Neneide)

Câncer, diabetes, hipertensão, doenças renais, mal-estares diversos relacionados com o estresse são alguns dos distúrbios com os quais elas mais se preocupam e em virtude dos quais apostam na via da alimentação adequada como forma de preveni-los ou tratá-los. Na complementação desses cuidados, assim como nos primeiros socorros, são usadas as plantas medicinais.

O enriquecimento dos quintais agroecológicos – entendidos como aquela área em volta da casa onde geralmente as mulheres mantêm pequena horta, frutas e criam animais domésticos – tem incluído também o cultivo de plantas medicinais, que são consumidas na forma de chás, pomadas, xaropes. Seu uso é extensivo às criações de animais. Os produtos são levados também para a comunidade, nas feiras e mercados, ou mesmo por meio de agentes de saúde. Todas as entrevistadas que estavam à frente de experiências agroecológicas se referiram a esse tipo de trabalho como um resgate de práticas tradicionais das mulheres com relação à saúde que haviam sido negligenciadas ao longo dos anos. A Pastoral da Saúde tem sido um dos canais mais importantes de divulgação dessas ações, mobilizando muitos grupos de mulheres do meio rural.

O uso das plantas medicinais é defendido pelas agricultoras por duas razões fundamentais: para ficarem livres dos “remédios de farmácia”, vistos como caros e pouco confiáveis; e por significar a retomada do conhecimento das pessoas sobre o seu corpo, como resistência a um processo de alienação dessas últimas com relação à própria saúde. A ênfase é no entendimento das causas mais amplas e na prevenção às doenças, não apenas no tratamento dos sintomas. Simbolicamente também é uma forma de se contrapor ao domínio dos grandes laboratórios farmacêuticos sobre a vida das pessoas – muitos dos quais são os mesmos que produzem agrotóxicos e sementes transgênicas.

Como parte dessa proposta, discute-se o uso de práticas novas (como massagens, meditação) e outras que, embora já fizessem parte do repertório das mulheres (como escalda-pés, banhos de ervas, benzeduras), haviam sido paulatinamente abandonadas. Verifica-se também um movimento de revalorização do parto natural e das parteiras, buscando-se qualificar aquelas profissionais que tradicionalmente detinham um saber sobre os nascimentos no meio rural e que foram sendo substituídas por médicos e hospitais – cujo acesso é sempre precário quando se trata de localidades com dificuldades de estradas e transporte, por exemplo. As experiências relatadas por elas no trato com o sistema público de saúde são, em geral, de relações hierarquizadas, em que não se sabe exatamente o que está acontecendo e por que certos procedimentos devem ser realizados.

No caso do Projeto Plantando Saúde,³ adotado pelo MMC no Rio Grande do Sul, por exemplo, a proposta era discutir a saúde

3 O Projeto Plantando Saúde foi idealizado pelo MMC do Rio Grande do Sul e contou com um financiamento estatal para sua implantação no período do governo Olívio Dutra (1999-2002). Consistia em fornecimento de kits para a instalação de “cozinhas comunitárias” (fogões, geladeiras, apetrechos de cozinha), que eram entregues para grupos de mulheres, que eram capacitadas para o manuseio das plantas medicinais e para a realização de práticas de saúde e alimentação alternativa. Na primeira etapa, foram distribuídos cem kits para grupos de base vinculados ao MMC.

integral das pessoas a partir da mudança das práticas alimentares e do uso de remédios caseiros, em uma perspectiva de maior autonomia pessoal.

É importante as pessoas saberem que existem as ervas, que elas podem ser plantadas em qualquer lugar; e que, com esse negócio de patentear os medicamentos, daqui a pouco elas vão ser proibidas de usar isso. A gente quer que as pessoas saibam disso, saibam fazer, tenham conhecimento. Com isso a gente resiste. Mas, para fazer isso, as pessoas têm que saber como usar as ervas, têm que saber que dá certo. Conhecer o próprio corpo, a ligação do corpo com a natureza, com os pensamentos, com os companheiros, com as outras pessoas. A gente está ligada em tudo. Nós trabalhamos assim: se conhecer, conhecer o próprio corpo, se apropriar da própria saúde. (Izanete)

Entre as mulheres, os encontros onde se discute saúde frequentemente acabam por enfocar também a saúde psicológica das integrantes. As doenças “dos nervos” – depressão, irritabilidade, problemas relativos ao exercício da sexualidade – são referidas por elas como distúrbios bastante frequentes, ligados a uma autoestima baixa, à sua constante desvalorização pelos outros e ao cansaço de estarem permanentemente tentando atender às solicitações dos demais membros da família.

Muitas usam as expressões “terapia”, “válvula de escape”, “alívio da tensão” para designar o significado que tem para elas a participação nesses grupos. Muitas vezes, nas discussões, aparecem fortemente os temas relacionados com a violência dos parceiros, inclusive a sexual. Várias relataram episódios de choros e descontroles emocionais ocorridos em reuniões onde foram levadas a refletir sobre a própria vida. Para elas, ter um tempo para si, para rir, brincar, compartilhar com as companheiras, podendo falar de tudo, “baixando a guarda”, é também uma atividade de cuidado com a própria saúde.

Na maioria dos grupos, as mulheres falam muito sobre a relação com os companheiros. [...] Elas dizem: “Se eu pudesse voltar atrás,

não faria daquele jeito”. Elas chegam até a dizer, o que é difícil para uma mãe dizer, que não casariam e não teriam filhos. Umam conseguem dizer isso. Às vezes elas soltam essas coisas. Quando você puxa a discussão de gênero, da condição de ser mulher, ali você sente que elas falam. Em outros assuntos, elas falam menos. Isso mexe com elas. A reunião é um espaço onde elas podem falar, elas podem se expressar. Elas não têm esse espaço, em lugar nenhum. Nem com a mãe da gente a gente fala certas coisas. Para não preocupá-la, porque são coisas do casal, do dia a dia. Os grupos de igreja nunca deram conta disso; pelo contrário, ali sempre se abafou esse sentimento das mulheres. Os grupos de mulheres são o único espaço que elas têm, onde elas sabem que têm a liberdade de dizer o que sentem. (Izanete)

Os grupos trabalham também a questão da solidariedade, do apoio mútuo, o que as reforça enquanto coletividade. É comum que iniciem as suas reuniões com leituras de textos religiosos ou sobre a situação das mulheres, ou ainda artigos incentivando os indivíduos a atuarem coletivamente. Então fazem reflexões sobre o sentido da sua organização enquanto um grupo que partilha valores e experiências. Algumas comentam que rezam antes das reuniões, dão as mãos umas às outras, abraçam-se. Zinalva conta, por exemplo, que faz parte da prática do grupo de mulheres da Apepa organizar rodízios para o apoio às famílias quando uma delas está doente ou teve filho, doar enxovais para os bebês, coletar alimentos e roupas para alguém mais necessitado, além do reforço a mutirões e outras atividades comunitárias que tradicionalmente fazem parte da sociabilidade no meio rural. Os demais grupos relataram também realizar experiências semelhantes, às quais elas dão muito valor, por significar que estão “cuidando umas das outras”.

A agroecologia permite juntar, na ótica das mulheres, todas essas questões: autonomia das pessoas com relação à forma de produzir, quanto à própria alimentação, aos cuidados com o meio ambiente e também com a saúde das pessoas. Essas lutas se juntam, por exemplo, com a rejeição das mulheres ao uso dos agrotóxicos, como foi colocado em vários depoimentos nos capítulos anteriores. Elas

estão atentas às consequências na saúde das pessoas e do ambiente, entre outras razões, porque, como também foi comentado, em geral cabe a elas o cuidado com a saúde da família. “Quando tem alguém doente na família, quem é que se procura? É a mãe, ela que tem que dar um jeito. Doença e remédio são associados à mãe, é sempre assim.” (Integrante do grupo de base do MMC em Ibiacá)

Muitas mulheres são poupadas de trabalhar diretamente com os venenos quando não estão envolvidas no cultivo principal destinado ao comércio, em que é mais comum o seu uso; mas podem ser afetadas indiretamente pelas pulverizações, porque são responsáveis pela lavagem de roupas contaminadas, além de terem que cuidar das demais pessoas (companheiros, filhos) que eventualmente fiquem enfermas como consequência dessa utilização. Muitas vezes elas têm pouco acesso às decisões no que se refere ao roçado comercial, e a forma como conseguem expressar o seu descontentamento com relação ao uso dos agrotóxicos é manter pelo menos os plantios voltados para o uso da família livres desses produtos.

Entre essas lideranças, existe ainda uma forte preocupação com outros aspectos relacionados à sanidade ambiental, tais como: o recolhimento do lixo, a limpeza dos cursos de água, a proteção de fontes e mesmo a manutenção de um ambiente agradável para todos, evidenciada na importância que elas dão, por exemplo, ao cultivo de flores e de plantas ornamentais.

Essas questões, tradicionalmente relacionadas com a feminilidade, são defendidas por elas como algo a ser preservado, não negligenciado em outro modelo de desenvolvimento. Novamente, observa-se aqui o dilema que foi comentado no item anterior, com relação a reivindicações de mudanças nas atribuições e/ou sensibilidades de gênero. Tal como apontado por diversas correntes ecofeministas, continua em aberto a questão de como fazer para que a “ética do cuidado” seja extensiva a todos os gêneros, de forma que esses aspectos da vida humana em sua relação com o ambiente natural não se transformem em uma carga ou responsabilidade exclusiva das mulheres.

A saída encontrada tem sido, ao mesmo tempo, reforçar e valorizar essas práticas cotidianas alternativas e fazer a denúncia sobre

a exploração do trabalho e da energia gastos na sua execução, mostrando quem se beneficia com a manutenção desse modelo em que o trabalho das mulheres é tornado invisível. Por outro lado, com a discussão sobre os interesses das empresas farmacêuticas, busca-se chamar a atenção para os vínculos entre o poder econômico, a degradação ambiental e a lógica subjacente às propostas de desenvolvimento capitalista, que não levam em conta nem os conhecimentos nem as necessidades das pessoas e que, ao mesmo tempo, não se preocupam com a preservação da natureza.

Ecologismo e feminismo como condição para uma vida melhor

Como já apontado, diferentes caminhos fizeram com que essas agricultoras e assessoras se reconhecessem como lutadoras ambientais e defensoras dos direitos das mulheres e passassem a empenhar-se para que os movimentos sociais onde transitam incorporassem as suas reivindicações como parte de pautas políticas desses movimentos. Essa militância foi construída pessoal e coletivamente, em organizações mistas ou apenas de mulheres. Cada uma dessas mulheres tem sua própria definição do espaço que essas questões ocupam na sua vida e fazem reflexões sobre a importância das conexões entre ecologismo e feminismo para a construção de uma sociedade ideal.

Elas esperam contribuir para transformações concretas da sociedade em que vivem basicamente de três formas, não necessariamente excludentes entre si: como lideranças políticas, em organizações da agricultura familiar ou de mulheres e mesmo eventualmente em partidos políticos; como educadoras/multiplicadoras/facilitadoras de processos de capacitação coletiva (escolas, centros de treinamento, associações, grupos informais); ou ainda sendo uma referência em sua comunidade, em função do trabalho realizado em suas propriedades, aprofundando as práticas como agricultoras/experimentadoras, buscando servir de exemplo para a possibilidade de mudança nos processos produtivos ou organizativos. Zinalva, por exemplo, já está escrevendo um livro com as suas experiências com alimentação alternativa, dando ênfase à capacidade das mulheres de inventar, a partir das suas práticas, novas formulações.

Eu sou uma multiplicadora. Hoje trabalho com pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, mas elas sabem fazer as coisas, elas têm a sua “faculdade da vida”; só que o seu ego está muito machucado, às vezes elas nem acreditam mais nelas mesmas. Elas já nem sabem que sabem. Porque já tentaram fazer, de uma forma ou de outra, e encontraram muros que as derrubaram. [...] Eu sonho em deixar para alguém aquele conhecimento que adquiri, e que não é um conhecimento meu, é um conhecimento de um coletivo. Porque o que eu sou hoje é o que eu aprendi com a experiência do coletivo, é o que eu aprendi na Nicarágua, com as pessoas que estavam no ENA, nos outros encontros. De cada encontro, eu tirei um pedacinho e formei um bolo. O meu sonho é falar um pouco do que está sendo a vida das mulheres, porque elas trabalham tanto e não são valorizadas, porque elas não recebem pelo que trabalham. Eu queria falar da discriminação da mulher, da discriminação na agricultura. Eu queria falar um pouco do que eu faço, do que a minha família faz, como é que a gente produz o nosso alimento, de como se processa. (Zinalva)

Eu pretendo estudar, como estou estudando; fazer uma faculdade, me formar, e poder trabalhar a conscientização de pessoas. Eu não quero trabalhar para ganhar dinheiro, mas para que as pessoas estejam conscientes daquilo que estão fazendo. Pode ser na saúde, ou na agricultura, qualquer coisa. [...] Eu gosto que as pessoas vejam que a gente está trabalhando por amor, porque quer. [...] E a minha vontade é que eu tenha aquela área para as pessoas irem vendo; e para mostrar o histórico: era assim, e agora é assim. (Del)

Acho que nunca vou deixar a luta social. A luta é uma coisa que a gente não deixa jamais. Pode até diminuir o ritmo, mas sempre vai ter aqueles momentos em que você tem que estar ali, participando. Eu creio que vou me sentir mal, se eu não fizer isso. Porque eu acredito na luta, é parte da minha vida. Não me sentiria bem isolada aqui, só criando filho e cuidando da agricultura. [...] Aqui em casa a gente queria ter uma palhoça, e em todo final de tarde convidar o povo e fazer uma discussão. Já pensou? Durante o dia, eu conseguir

administrar a minha horta, já tratei as galinhas, fiz o meu serviço, e, no final de tarde, a gente poder estar com a comunidade discutindo. Isso é muito bom. Não é ir para casa dormir, e ficar naquela rotina. (Efigênia)

Quando você começa a participar do movimento, isso transforma a sua vida, porque você deixa de viver naquele mundinho que era só seu e começa a perceber o mundo. Um mundo do qual você faz parte, um mundo que você pode contribuir para transformar, e que você começa a saber a importância que você tem nele. [...] Quando você não participa de nada, você vive aquilo ali, você não se importa com um vizinho, com as outras pessoas. Quando você sai dele, começa a perceber que outras pessoas precisam de você, que você tem algo para dar para outras pessoas, que pode estar transformando. (Neneide)

Dentro dos diversos movimentos, a prioridade delas tem sido dar visibilidade às experiências agroecológicas realizadas por mulheres, estimulando a participação de outras companheiras em eventos públicos e para que assumam tarefas de liderança, colocando em evidência os seus pontos de vista nos espaços mistos. Essas estratégias são usadas tanto nos grupos de base quanto nos movimentos sociais rurais mais amplos.

Na Contag, por exemplo, já existe uma organização das mulheres consolidada desde meados da década de 1980 que se fortalece com a realização das Marchas das Margaridas, promovidas em conjunto com outras entidades representativas de mulheres rurais desde o ano 2000. Nos movimentos que fazem parte da Via Campesina (MMC, MST, MPA, entre outros) – com exceção do MMC, que tem uma política específica –, também existem articulações internas que discutem gênero e mulheres, buscando construir um programa e estratégias de ação para incorporar essas questões nas suas pautas.

Dentro do MPA, desde 2003, a gente tem o coletivo de gênero. Fizemos um seminário nacional, tinha um companheiro e uma companheira por estado, eram 15 na época. E foi uma discussão mui-

to boa. Ficou mais claro que, embora haja espaços comuns [com homens e mulheres], eram imprescindíveis os espaços específicos, para que a gente pudesse avançar no debate da participação das mulheres. Historicamente, nos movimentos camponeses, essa participação sempre foi relegada à invisibilidade. É uma participação encoberta; embora esteja mudando aos poucos. (Maria)

No MST, desde os anos 1990 já havia Encontros de Mulheres. Depois, se fez o Setor de Gênero. [...] A prioridade era reconhecer que as mulheres faziam parte da luta e dar espaço para elas na produção. Fomos passando por várias discussões: sobre a titulação da terra, sobre a documentação, a participação das mulheres nos assentamentos, a discussão política. Até chegar nas grandes ações realizadas só pelas mulheres, depois de 2006. Em 2002 já tinha sido aprovado o Setor de Gênero, o que para nós foi um avanço muito grande. Passamos a sugerir que em todas as instâncias de coordenação 50% das vagas fossem ocupadas por mulheres, para fomentar a formação política delas. Depois disso teve um grande reforço com a organização da Coordenadoria Latino-americana das Organizações do Campo (Cloc) e da Via Campesina. A gente deu grandes saltos, ao reconhecer a história de luta das mulheres e trazer o debate dos sujeitos políticos. A gente ainda tem muitos desafios: juntar o debate de gênero com o de classe, que é importante para nós; a formação política das mulheres, para que elas possam participar em igualdade de condições das discussões gerais; e os temas trazidos pelo feminismo, que são difíceis para nós: violência, homossexualidade, aborto, trabalho doméstico. Dentro dos temas da agroecologia, nossa prioridade é fortalecer os grupos de mulheres, e o estudo desses temas (transgênicos, sementes, biodiversidade) entre elas, porque antes só os homens é que dominavam essas informações. (Lourdes)

Na nossa pauta interna, queremos que as experiências agroecológicas das mulheres sejam reconhecidas; e que a agroecologia seja uma política estratégica do movimento sindical. São coisas que a gente ainda tem que promover aqui dentro [da Contag]. Estão no discurso genérico, mas poucas coisas foram incorporadas. (Carmen)

Há um entendimento entre essas lideranças de que tais questões precisam ser constantemente discutidas, pois na maioria dos movimentos mistos existe uma sub-representação das mulheres nas suas direções e, para mudar essa situação, as próprias mulheres devem permanecer mobilizadas. Para Inês, que trabalha assessorando movimentos rurais, é preciso que as instituições de apoio à agricultura familiar deem concretude à decisão (muitas vezes apenas retórica) de estimular a participação das mulheres. Para isso, elas teriam que desfrutar das mesmas oportunidades de formação e, sobretudo, do acesso a informações em iguais condições que os homens, para poderem se posicionar.

Beth, que também trabalha com assessoria, lembra que há uma diferença fundamental no entendimento do sentido dessa participação: entre os setores que reconhecem a existência de diferentes situações vividas por homens e mulheres no meio rural, mas situam essas diferenças em uma lógica de “complementaridade” de funções, e aqueles que, desnaturalizando essas diferenças, propõem-se a agir no sentido de questionar as desigualdades existentes.

A gente tem que garantir a presença das mulheres em todos os espaços, senão corre o risco de levar só homens. Se a gente não fizesse esse esforço de facilitar a presença das mulheres, elas não viriam, porque elas têm mais dificuldades de participar. A gente tem que fazer o máximo de esforço para levar mais mulheres para participar. Se tiver um espaço só de homens, você não vai ter a opinião das mulheres, e a gente não quer isso. Mas não pode ter só número, elas têm que estar preparadas. (Efigênia)

As mulheres ainda têm que batalhar muito para conseguir o seu espaço. Nunca ele é dado. A gente tem que estar lá desde o início, reivindicando, exigindo respeito. Aqui, por exemplo, no EPA [Encontro Potiguar de Agroecologia, prévio ao II ENA de Recife], a Rede Xiquexique indicou o meu nome para participar de uma mesa como palestrante, mas foi muito difícil de passar, porque eu era uma agricultora. É muito difícil os homens reconhecerem que as mulheres também fazem agroecologia, que as mulheres estão se incluindo nisso, estão lutando por isso. (Neneide)

Na construção de grandes ações públicas, várias alianças têm sido feitas pelos movimentos de mulheres e pelas mulheres que participam dos movimentos mistos (na ANA, na Marcha das Margaridas, nas ações da Via Campesina), o que é reconhecido por elas como uma política positiva, porque possibilita o apoio mútuo entre as instâncias de mulheres e reforça o caráter feminista da sua luta. Essas alianças não são fáceis de serem construídas, pois existem diferenças políticas desde as origens de cada movimento.

Um dos crivos, por exemplo, é a questão de participar ou não de movimentos mistos, vistos por aquelas que estão nos movimentos só de mulheres como uma ação muito arriscada, pela possibilidade de as mulheres serem cooptadas ou subordinadas aos homens. Já para aquelas que estão nos movimentos mistos, o maior risco é de isolamento dos movimentos só de mulheres ou da perda da referência na luta maior do conjunto dos trabalhadores, desviando-se para questões secundárias.

Há entendimentos diversos entre essas lideranças e entre os movimentos sociais a que pertencem sobre o significado e a necessidade do feminismo; mas resgata-se um sentido comum de políticas de fortalecimento da autonomia das mulheres.

O feminismo é fundamental para nos dar embasamento para tudo o que estamos fazendo agora. Digo que a Marcha das Margaridas é uma ação feminista. Tenho absoluta certeza. Ela questiona o modelo, ela questiona atitudes, processos profundos. É verdade que nem todas as mulheres que estão na Marcha têm essa mesma compreensão, umas mais, outras menos. Para nós, ser feminista significa ter clareza de que existem desigualdades e que a gente precisa questionar, propor a transformação. Estamos vivendo em um mundo patriarcal e isso precisa ser mudado. Se não, eu poderia estar na secretaria de mulheres, e não estar refletindo sobre as questões estruturantes que fundam a desigualdade, que fundam a opressão das mulheres. Então temos que ter claro que, para estar aqui, tem que ser para desconstruir toda essa naturalização. A gente não vai repetir que é normal ser ofendida, ser discriminada, as mulheres ficarem caladas, não se mobilizarem. (Carmen)

Em nível nacional, a gente sente a necessidade de aprofundamento teórico, e o tema feminismo já vem hoje como um tema estratégico para nós. Isso foi a partir do espaço que a gente conquistou com essa luta. Isso não é nada consensual, mas é um avanço. Internamente tem sempre um enfrentamento constante, um debate político. Mas as ações têm propiciado um respeito maior à nossa causa. Na ação de 2006, por exemplo, muitos dirigentes diziam: “Vocês não vão ser capazes, vocês nunca fizeram lutas sozinhas, participam junto, mas nunca só vocês”. E aí nos dissemos: “Mas nós queremos, nós queremos mostrar para nós mesmas que somos capazes, que as mulheres têm condições”. Então é a questão de assumir o comando. No 8 de março, as mulheres do MST vão assumir o comando das mobilizações, das negociações, seja com governos dos estados, seja com o poder judiciário. É um pouco esse exercício que a gente vem fazendo para mostrar essa nossa capacidade política e organizativa. Sempre em alianças com outros movimentos: Via Campesina, Marcha Mundial de Mulheres, eles foram fundamentais, a gente nunca trabalhou sozinha. Sempre tendo como referência a luta de classes; a gente se alia com movimentos que tenham essa clareza. (Lourdes)

Eu já recebi críticas por ser feminista, por defender as mulheres, por ser advogada das mulheres. É preciso mesmo que as mulheres se reconheçam, se valorizem. Tinha uma senhora no grupo que dizia assim: “Antes eu me calava, eu não tinha coragem de nada, nem de me apresentar. Eu tinha medo até de falar”. E depois que começou o grupo, ela disse que aprendeu que gênero era isso, era não se calar. (Del)

O movimento feminista é visto como radical. Eu acho que não se deve ser radical. Porque senão atrapalha a nossa luta, que nós temos que ir construindo. Mas jamais a gente tem que baixar a cabeça, isso não. A gente tem que continuar a lutar por aquilo que acredita, tentando construir esse diálogo. Eu acho que ser feminista é isso, é nunca mais as mulheres terem que baixar a cabeça para os homens. (Efigênia)

Sempre achei que eu estava no lugar certo, como liderança, como mulher. O mundo sempre foi manobrado por homens, e a gente chegou no ponto que chegou. E nós temos que ser companheiros, os homens e as mulheres. Eu sempre digo isso para os companheiros: “Você pode ter a melhor posição do mundo, mas, se você não dialogar com a sua companheira, o negócio não vai para a frente”. Isso reforça que tem que ter um diálogo, do gênero, do homem e da mulher. (Zulmira)

Eu sou feminista, com certeza! Eu acho que quem faz o feminismo é quem vive ele, quem passa pelas dificuldades. Eu entendo que ele é um movimento de transformação, e quem transforma é quem está sentindo o problema. Se eu quero transformar a minha vida, é porque eu estou passando por uma discriminação, por ser mulher, e junto com outras mulheres eu vou tentar transformar essa realidade que eu vivo, porque elas passam pelas mesmas dificuldades que eu. Eu acho que unir a história do local ao global é impressionante na vida da gente. Quem faz essa transformação é a base, é quem está vivendo ali. Se as mulheres da universidade, as mulheres da cidade, estão se organizando, é porque elas têm algum motivo também. Com certeza isso vai contribuir com aquelas que estão passando por outros problemas. Eu acho que nós, agricultoras, ainda somos mais oprimidas, pelo que a gente vive, pelo que a gente faz, pelo que falta para a gente. Eu me considero feminista por tudo o que eu posso estar transformando a minha vida, mas também estar transformando esse mundo. (Neneide)

Quando perguntadas sobre como viam o seu futuro como militantes da agricultura ecológica, as respostas foram no sentido de aprofundar ainda mais os processos de transição agroecológica que haviam iniciado. Com mais recursos, com mais conhecimento, mais experiência, porém seguindo na mesma linha em que vinham trabalhando até aquele período.

Com relação à terra, eu queria ter algumas coisas que eu não tenho hoje – todas essas plantas que ainda não são produtivas, eu gostava

ria de estar me dedicando a elas, estar processando aquelas frutas, estar vivendo daquilo ali, de tudo o que a gente plantou. Eu queria ter um processador dos meus produtos, para poder ir fazendo e ensinando para os outros – um galpão, para poder mostrar para os outros, principalmente para a comunidade, para passar o conhecimento. A minha maior vontade é passar o conhecimento para as pessoas. (Del)

Primeiro, a gente quer uma propriedade agroecológica, produzindo direitinho, sustentável. E essa luta pelo trabalho das mulheres, para mim já está claro. E quero que esse trabalho melhore ainda mais, no sentido de estar conscientizando outras mulheres. A gente já faz isso, mas quer fazer um trabalho maior, ir para comunidades onde há mulheres que não participam e trazê-las para a luta. (Efigênia)

Pensando na região, primeiro a gente precisava ter energia elétrica; e a documentação das áreas, para poder dar segurança; e teria que discutir um projeto para a comunidade, para que a gente não se perdesse nesses projetos grandes que estão aí. Na associação, discutimos isso, nós não queremos que isso aqui seja inundado de NPK [adubo químico]. Nós queremos que Monte Sião continue tendo segurança alimentar e, com isso, qualidade de vida, saúde, porque aí você tem força para trabalhar. [...] Tendo energia elétrica, vamos poder ter uma fábrica de chocolate orgânico; vamos poder ter uma usina para beneficiar o nosso arroz; pegar o que sobra do arroz para transformar em ração alternativa para as aves; produzir a nossa alimentação em escala, para poder fornecer para a comunidade, galinha caipira, outras coisas. Temos muita semente, muito composto orgânico, muita fruta; metade a gente usa e o resto a gente vende. Precisa ter energia para poder processar e não perder. É nesse estilo que a gente sonha. (Zinalva)

Eu tenho contribuído e posso contribuir bastante na história da troca de experiências, de estar passando, de estar aprendendo. Eu acho que eu sempre quero aprender mais, e a minha missão é passar o que estou aprendendo para as outras pessoas. E estar junto nas

reivindicações, nas mobilizações, eu acho que eu nunca vou me cansar da luta, que da luta, eu acho, ninguém se cansa. Para que os nossos netos não venham a passar o que a gente passa hoje. Eu acho que isso é muito importante, eu acho que a minha missão é essa, é tentar transformar a realidade do que a gente vive. É ir colocando como a agroecologia é importante; como é importante a gente ter outro sistema de economia sem ser esse sistema capitalista; e ir contribuindo mesmo para essa transformação social. E para a inclusão das mulheres nos espaços. Eu não me vejo hoje fora dos movimentos de mulheres; eu acho que o movimento de mulheres transformou a minha vida. (Neneide)

Para essas lideranças, está claro que deveria haver igualdade de oportunidades para as mulheres e, sobretudo, não deveria existir violência. Neneide exemplifica lembrando o esforço que fizeram, em 2006, para levar essa questão para o II ENA, em Recife. Durante o período de preparação para o encontro, havia ocorrido um caso de espancamento de uma mulher no assentamento de Mulunguzinho, em uma família que trabalhava de forma ecológica. Muitos achavam que a questão da violência contra as mulheres não tinha nada que ver com o tema da agroecologia. Porém, as mulheres do grupo não concordaram: se a proposta era mudar as relações entre as pessoas, o exemplo tinha que começar em casa. Após mobilizações no próprio assentamento, foram para o Encontro em Recife dispostas a forçar a incorporação desse tema na pauta geral. Na abertura do II ENA, elas entraram no auditório com faixas e cartazes alusivos à questão, e a própria Neneide fez uma fala bastante contundente, que concluía com a frase: “De que adianta termos produtos limpos de agrotóxicos, se estão sujos com o sangue das mulheres?”.

A ousadia em propor a discussão de um tema que desnuda aspectos encobertos sobre as famílias rurais é mais um exemplo de que essas mulheres não estão dispostas a participar dos movimentos de forma incondicional. Em vários outros discursos, percebe-se que elas estão atentas às diversas formas como a violência contra as mulheres se expressa no meio rural, e estão dispostas a enfrentar esse debate.

Eu queria ver as mulheres no poder, que elas tivessem uma condição real de transformação. Obviamente nem todas iriam para o poder; mas, se elas estivessem mais próximas, como iam mudar as coisas! E tem outra coisa que mexe muito comigo: é a violência contra as mulheres. Uma das chagas mais terríveis que existe. Não é só a violência física, é aquela violência que a gente vive inclusive no meio dos companheiros, aquele olhar que diz que você é menos, que te põe para baixo. Se você não tiver força interior, você fica com a cabeça e os olhos baixos. Então eu queria ver as mulheres no poder, porque eu acho que é uma “meia condição” para mudar muita coisa. E eu queria que não tivesse nenhum tipo de violência, pois as mulheres têm sido historicamente as maiores vítimas. Eu olho para elas e consigo ver quando elas têm uma coisa presa, que não conseguem falar, não conseguem dizer com toda a plenitude, porque elas têm medo de abrir a boca em uma reunião onde só há “sabichões”. Essa coisa é muito forte. Muitas não conseguem resistir, se recolhem que nem um jabuti na casca e morrem dentro da casca, morrem para a vida, morrem para a possibilidade de lutar, de ser gente, de ajudar os filhos, de ajudar a sociedade. Essa é a maior angústia que eu tenho. Autonomia financeira é muito importante, mas isso é muito mais. (Carmen)

Quando eu penso em um mundo diferente, seria um mundo sem violência, com muita paz, integração social, não teria desigualdade. Todo mundo teria alimento, mercado para os seus produtos, ia poder produzir. Seria um mundo de paz, um primeiro mundo. Não ia precisar um tirar do outro. Também sem violência contra as mulheres. Porque a falta de recursos tensiona tudo, você tensiona o mais fraco, e nessa parte quem se torna mais frágeis são as mulheres, são os jovens, são os nossos filhos. E o sistema impõe, a gente acaba se revoltando contra o outro, em vez de se unir. Se a gente tivesse como atingir nossos objetivos, a gente tinha como melhorar o crescimento de todos. (Zulmira)

A gente faz muito essa discussão no MMNEPA, de que as mulheres não querem ser mais que os homens, mas iguais. Não adianta nada

eu dizer que vou capacitar as mulheres para serem melhores que os homens. Você vai fazer o mesmo que os homens. Vamos lutar para que nós sejamos respeitadas da mesma forma, tanto homens quanto mulheres, porque o respeito está acima de tudo. Eu quero ser respeitada, e para eu ser respeitada tenho que respeitar antes, homens e mulheres. (Zinalva)

Se a mulher é importante na agricultura familiar, por que ela não é valorizada? A mulher é importante para manter a família lá, trabalhando, isso é necessário. Quando você coloca essa discussão, as pessoas vêm com perguntas assim: “Ah, mas se tu vai discutir questão de gênero, evidentemente vai haver separações, divórcios, isso vai acabar com a agricultura familiar”. Eu digo: “Se isso for o custo que a agricultura familiar tem que pagar, se essa é a condição, não respeitar o direito de cada um, de ir e vir, de viver a sua vida, então, paciência”. É a mesma lógica que aceitar uma sociedade que faz a mutilação genital, como dado de uma cultura. É você aceitar tudo acriticamente. (Inês)

O depoimento de Izanete resume, de certa forma, um conjunto de posições que podem ser encontradas, fragmentadas, nas falas das demais. A consciência de ser militante de movimentos que estão se propondo a transformar as relações entre os homens e as mulheres, assim como as relações das pessoas com o ambiente natural, e de que essa transformação, no meio rural, passa pela discussão de um novo modelo de produção, como foi apontado anteriormente.

Como eu me defino hoje: sou mãe, esposa, agricultora e militante. Não posso me ver sem ser assim. Sou uma pessoa, uma cidadã, que luta para mudar o mundo. Essa é a minha religião. [...] Eu acho que seria terrível minha vida se eu não pudesse acreditar no movimento, na luta; eu não consigo me ver sem isso. E é principalmente uma luta das mulheres, apesar de ser uma luta social. Porque eu estou dentro de um movimento de mulheres, é um espaço privilegiado para poder levar essa luta. A luta mais importante da minha vida é a luta das mulheres, porque essa luta vê o todo. A gente luta

por outro modelo, por crédito, pela terra, para mudar a família. Eu posso estar enganada; tem gente que diz que a gente faz “lutinhas”. Eu não concordo, porque eu acho que o movimento de mulheres é muito amplo. Ele enxerga tudo: é contra o capital, é contra essa organização de família que está aí, que explora as mulheres, explora os filhos. O jeito de se organizar a família também sustenta o capitalismo, que está explorando os homens e as mulheres. É completo. Olha a natureza, olha a vida como um todo, tudo o que está aí, sobre a terra. A terra, que é o suporte da gente. A gente compara as mulheres com a terra: sem a terra, não tem vida. E sem a luta das mulheres, não tem vitória, não tem vida. E a gente diz também que sem feminismo não há socialismo. Pode até se começar um socialismo, mas não vai chegar muito longe, porque daí a exploração vai continuar. (Izanete)